

PINO, C. A. A semiologia de Barthes e possíveis interlocuções: uma entrevista com Claudia Amigo Pino. *ReVEL*, v. 23, n. 45, 2025. [www.revel.inf.br].

A SEMIOLOGIA DE BARTHES E POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES: UMA ENTREVISTA COM CLAUDIA AMIGO PINO

ReVEL - Quais são, na sua visão, os conceitos mais revolucionários que Barthes introduziu? Qual você considera a maior contribuição dele?

Pino - Não sei se a palavra “conceito” é a mais indicada para se referir a Barthes. Ele gostava de propor termos introduzidos por um artigo como “a escrita”, “o estilo”, “o mito”, o que nos faz pensar em uma “unidade”. Muitas vezes, esses termos têm até definições, o que é possível observar no texto “O que é a escrita”, de *O grau zero da escrita*, ou “O mito, hoje”, de *Mitologias*. Às vezes, inclusive, Barthes grafava esses termos com letra maiúscula, como no caso de “Texto”, para tentar diferenciá-lo do uso comum da palavra. No entanto, esses termos são, na maioria das vezes, instáveis e passam por múltiplas definições e valorações ao longo da obra de Barthes. Tomemos, por exemplo, o termo “a escrita”. Em 1953, Barthes deixa de usar a palavra literatura, em detrimento do uso da palavra escrita, que representaria a atividade da subjetividade do escritor (estilo), frente à tradição e à cultura (língua): “Colocada no âmago da problemática literária, que não começa senão com ela, a escrita é então essencialmente a moral da forma, é a escolha da área social no seio da qual o escritor decide situar a Natureza de sua linguagem” (p. 14). Ou seja, a escrita incide sobre a forma do texto literário e pode ser considerada como uma crítica da sociedade, por meio das mudanças que ela incide na tradição literária. Já em 1977, na sua *Aula inaugural*, Barthes afirma: “Entendo por *literatura* não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visio, portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido de significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escrita ou

texto”. Dessa forma, nos anos 50, a escrita era uma prática e a literatura era o conjunto dessas práticas. Já nos anos 70, escrita e literatura passa a ser as pegadas da prática e passa a se confundir com a palavra escrita.

Além desses conceitos instáveis, que tomam nova forma e se fundem com outros, também podemos nos referir a “pares conceituais”, com elementos que se contrapõem aos outros, criando um movimento, ou fricção do saber. Temos a impressão de que em algum momento, um elemento do par se sobrepõe ao outro, mas o importante é sempre a hesitação (tanto daquele que enuncia quanto do que é enunciado) entre os dois. Dentro desses pares conceituais, destaco, por exemplo, o Discurso Encrático e o Discurso Acrático, o Prazer do texto e o Gozo do texto, o Óbvio e o Obtuso, o Punctum e o Studium, que são muito usados pela crítica literária e pela crítica de arte.

Assim, é bem difícil para mim destacar um ou alguns conceitos de Barthes, porque é difícil separá-los das tensões em que estão inseridos. Por isso, prefiro pensar em tendências, que podem ligar vários conceitos barthesianos. E talvez a tendência que eu mais destaque em Barthes seja a visão da literatura como atividade, ou como prática. Barthes não se interessa tanto pela “obra”, pelo objeto produzido, mas pelo processo de produção dessa obra, tanto do escritor, quanto do leitor (e também do crítico, como leitor-escritor). Dessa forma, ele propõe pensar em aspectos muito pouco abordados do estudo da literatura, como o desejo de escrever, os regimes de escrita, o isolamento do mundo, mas também como os sentidos são despertados no leitor, o que leva o leitor a levantar a cabeça, ou o que pode leva-lo à ação, a fazer alguma coisa, a partir da literatura.

ReVEL - Em seus estudos sobre os seminários de Barthes, a senhora discute os modos de transmissão do saber e de escuta que ele propõe. Como o Barthes professor se diferencia do Barthes escritor ou crítico? E o que isso nos ensina sobre o ato de ensinar literatura hoje?

Pino - Barthes foi muitos tipos diferentes de professor. Talvez seu cargo mais conhecido seja o de professor no Collège de France (de 1977 a 1980), onde ele fazia conferências para auditórios repletos e recebia perguntas por carta, que ele respondia

na aula seguinte. Em princípio, não se tratava de uma metodologia de ensino inovadora. No entanto, os temas propostos para os cursos destoavam totalmente de um curso de literatura tradicional. Em vez de analisar a literatura a partir de outros saberes, como a sociologia, a análise de discurso ou a história literária, Barthes propunha fazer exatamente o contrário: analisar o mundo a partir da lógica da literatura, numa proposta que ele chamou de “semiologia literária”. Como ele afirma em sua conferência inaugural, a literatura não deve mais ser pensada como tesouro, a ser guardado, ela nos deve ajudar a repensar o mundo: “Não é, por assim dizer, que a literatura esteja destruída: é que ela não está mais guardada: é pois o momento de ir a ela. A semiologia literária seria essa viagem que permite desembarcar numa paisagem livre por deserança” (p. 40). Assim, seu primeiro curso será sobre um tema que, aparentemente, não é literário, mas ético: “Como viver junto”. Para abordá-lo, ele passará por diversas obras literárias, como *Robinson Crusoé*, *A montanha mágica* e *Pot-Bouille*, de Zola, entre outras, mas seu objetivo não será chegar a uma nova interpretação dessas obras, nem a uma reflexão filosófica sobre os desafios de “viver junto”, mas repensar (ou, nas suas palavras, “desaprender”), a partir da literatura, esse tema. Além dos cursos no Collège de France, Barthes foi “diretor de estudos” na 6ª seção da Escola Prática de Altos Estudos (1962-1977), que a partir de 1975, começou a se chamar Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Tal como seu nome sugere, tratava-se de uma escola “prática”, onde os alunos deveriam aprender uma habilidade de forma supervisionada. No caso dos cursos de Barthes, sobre “semiologia”, a habilidade era o estudo dos signos, inicialmente relativos a sistemas de signos da vida cotidiana (como moda, comida, decoração), mas que gradativamente foram substituídos pelo estudo da literatura. Para além do objeto literário, Barthes se interessava em pensar em métodos para entender o efeito da literatura, o que significou uma longa passagem pelo estudo da retórica. Nessas “aulas práticas”, Barthes propôs muitas atividades que são inovadoras, inclusive hoje, para o ensino da literatura. Assim, em 1963, em seu segundo seminário sobre a semiologia da vida cotidiana, ele propõe uma pesquisa coletiva sobre a relação entre a comida e os signos, que incluía um estudo de publicidade, cardápios e mesmo obras literárias onde a comida era abordada. Já nos seminários entre 1967 e 1969, ele propõe o estudo de uma novela de Balzac (*Sarrasine*), passo a passo, o que praticamente significava um estudo frase a frase (ou “lexia”, como Barthes a chamava a unidade mínima de significação). Mas além dos Seminários na Escola Prática e os

cursos no Collège de France, Barthes atuou em outras instituições, como professor visitante ou contratado para cursos específicos: era o caso de múltiplas universidades estrangeiras (por exemplo, a Universidade de Genebra, na Suíça, a Universidade de Rabat, no Marrocos, ou a Universidade John Hopkins, nos Estados Unidos), mas também de universidades americanas em Paris, onde ele oferecia anualmente seminários curtos (como a Wesleyan University ou a State University of New York, Buffalo). Nesses lugares, ele adaptava as aulas de seu seminário na Escola Prática ou às vezes se referia a um autor, ou a uma obra específica, como por exemplo, *Madame Edwarda*, de G. Bataille, ou o conto “A verdade sobre o Sr. Valdemar”, de E. A. Poe.

Todos esses tipos de professor que Barthes foi em algum momento estão relacionados com seu trabalho como crítico ou escritor. Porque, diferentemente de um professor de universidade, que deve propor programas relacionados ao projeto pedagógico de cada um curso, Barthes era livre, em todos seus contextos, para definir o tema e a abordagem de seus cursos. Assim, seus seminários na Escola Prática são a origem de muitos projetos que, depois do debate interno nas aulas e de múltiplas reescritas, se tornaram livros, como *S/Z, Roland Barthes por Roland Barthes*, e *Fragmentos de um discurso amoroso*. Barthes teve pouco tempo para refletir e reescrever seus cursos no *Collège de France*, já que morreu 1980, sem sequer ter ministrado o seminário que fecharia seu último curso, “A preparação do romance 2”. Porém, um dos livros da última fase de sua vida é de certa forma um desenvolvimento de “A preparação do romance 1”: *A câmara clara*, publicado no início de 1980. Já no caso de seus cursos como professor específico ou visitante, eles se tornaram artigos ou capítulos de livros, como “Análise de um conto de E. Poe”, ou “Saussure, ou signo ou a democracia” (ambos de 1973, publicados em *A aventura semiológica*). Há, no entanto, muitos cursos curtos nos Arquivos de Barthes, que podem ser configurados como prototextos inéditos.

ReVEL - Barthes é muitas vezes apropriado por diferentes áreas (literatura, filosofia, teoria da mídia...). A partir do seu trabalho, como a senhora vê os riscos e as possibilidades dessas leituras transversais? Há algum uso distorcido de Barthes que a incomoda como pesquisadora?

Pino - No Brasil, Barthes é conhecido em grande medida por “A morte do autor”, publicado originalmente em 1967. Nesse texto, ele questiona o estudo do autor dentro da crítica literária e propõe que as análises se centrem no outro extremo da comunicação, ou seja: no leitor. Essa proposta, por sua vez, vem acompanhada de um movimento menos conhecido, de embaralhamento, ou de difusão da autoria do próprio Barthes. Assim, um livro como *Roland Barthes por Roland Barthes*, que é supostamente autobiográfico, conta com dois Barthes: um “ele” e um “eu”. Além disso, ele é precedido pela frase: “Tudo isso deve ser considerado como dito por uma personagem de romance” (p. 11). É difícil levar a sério esse autor, que se considera dois e que, ao mesmo tempo, se coloca como uma personagem de romance. Essa estratégia se repete em seu livro mais conhecido, *Fragmentos de um discurso amoroso*, que é precedido pela seguinte frase: “É pois um amante que fala e que diz:” (p. 1). No resto do livro, o amante, ou o apaixonado, será descrito como aquele que não diz nada de novo, que se repete, porque o único que ele tem a dizer é: “você não está aqui”. Como considerar como referência alguém que diz se repetir e não dizer nada de novo? Para além dessas autossabotagens à sua “autoridade”, Barthes, em muitos outros textos, começa defendendo uma ideia e termina por negá-la. É o caso dos ensaios “Escrever verbo intransitivo?”, “O discurso da história” ou “As duas linguagens” (publicados em *O rumor da língua*), para citar alguns casos emblemáticos. Mas talvez o exemplo mais radical seja *A câmara clara*, que começa com uma longa explicação da divisão Punctum /Studium, que é finalmente descartada para analisar a foto de sua mãe, a foto do Jardim de Inverno, em torno da qual gira a segunda parte do livro.

Essa postura de anti-autor faz que todos os seus usos intelectuais sejam questionáveis. Como citar um autor que se nega, ou que afirma ser uma personagem de romance ou um apaixonado, que não diz nada de novo? De fato, o único uso de Barthes possível é um uso literário, como se ele fosse uma personagem de um romance (de fato, Barthes já foi personagem de muitos livros, entre os quais destaco, *Paris não acaba nunca*, de Enrique Vila-Matas, e mais recentemente, no Brasil, *Não escrever com R.B.*, de Paloma Vidal).

No entanto, ninguém pode ser autoridade sobre a não-autoridade, então não sei se posso condenar qualquer uso de Barthes, mesmo aqueles que o veem como uma

referência na crítica literária ou na teoria da comunicação. Somente consideraria pertinente que qualquer uso de Barthes fosse acompanhado por um comentário sobre o contexto em que essa afirmação se encontra (sobretudo se for um contexto de negação ou de modalização).

ReVEL - Como pesquisadora, parte do seu trabalho se voltou para a recepção de Barthes na América Latina. Na sua visão, que ambiente o pensamento de Barthes encontrou aqui? Há algo nele que o distingue do ambiente europeu, por exemplo?

Pino - Cada país da América Latina tem contextos diferentes e, no caso do Brasil, cada estado tem características muito específicas. É difícil generalizar, mas, certamente, nenhum desses ambientes se parece ao ambiente francês no qual Barthes publicou seus livros. Eu destacaria que muitos cursos de referência no Brasil graduação e pós-graduação foram criados no final dos anos 60, início dos anos 70 no Brasil, justamente quando a obra de Barthes tinha mais visibilidade na França, por conta de polêmicas justamente com os professores da Sorbonne: essa coincidência foi oportuna para a adoção dos textos de seus textos em diferentes contextos universitários. Por outro lado, em São Paulo, uma grande referência do jornalismo cultural, Leyla Perrone-Moisés, tornou-se especialista e inclusive amiga de Roland Barthes. Essa proximidade leva a uma grande exposição de Barthes na mídia da cidade, o que o leva a ser conhecido de artistas e do público geral. Na Argentina, a forte repressão nas universidades durante os dois períodos de ditadura na Argentina (1966-1973 e 1976-1983), fez que a crítica literária circulasse em grupos autônomos e publicações independentes do meio acadêmico. Ora, como Barthes era também um autor considerado antiacadêmico, já que não estava inserido no sistema universitário tradicional, tornou-se uma referência para os críticos argentinos dos anos 70. É o caso, por exemplo de Beatriz Sarlo, uma das grandes difusoras de sua obra na América hispânica. Já no Chile, as propostas de análise estrutural, aparentemente apolíticas, ajudam a encontrar vias de reflexão em um momento em que a crítica é completamente calada, por conta da intervenção do governo militar nas universidades. Nesse contexto, destaco especialmente a obra do poeta e professor Enrique Lihn, que protagoniza uma polêmica em torno do Estruturalismo francês com um crítico literário apoiador do governo militar. Assim, por razões diferentes,

Barthes encontra ambientes favoráveis à circulação na América Latina, o que explica a grande quantidade de traduções e de textos sobre suas obras no continente, o que não ocorre, com a mesma intensidade, nem em Portugal nem na Espanha.

ReVEL - Costumamos finalizar as entrevistas da ReVEL solicitando sugestões bibliográficas aos nossos entrevistados. Você poderia indicar para nossos leitores alguns textos pioneiros e atuais sobre a obra de Barthes?

Pino - Em primeiro lugar, gostaria muito de indicar as obras sobre Barthes de três grandes críticas de referência nos seus países: Susan Sontag, nos Estados Unidos; Beatriz Sarlo, na Argentina e Leyla Perrone-Moisés, no Brasil. Considero seus textos fundamentais para o entendimento das ideias de Barthes, mas também para compreender como sua obra se estendeu em outras áreas e em outras geografias. No caso de Susan Sontag, os textos sobre Barthes se encontram nos livros *Sob o signo de Saturno* e *Questão de ênfase*, embora ela se refira muito a Barthes nos seus textos de início de carreira, reunidos em *Contra a interpretação*. Já Leyla Perrone-Moisés tem dois livros inteiramente dedicados a Barthes: *Com Roland Barthes* (2012) e *Roland Barthes: o saber com sabor* (1983); assim como Susan Sontag, Barthes também é uma referência constante em textos sobre outros temas. Beatriz Sarlo tem um livro que reúne ensaios extraordinariamente originais sobre Barthes (relação de Barthes com pizza, com jazz, com o amor, com viagens), *Escritos sobre Roland Barthes* (2011), mas que infelizmente é impossível de encontrar no Brasil.

Em segundo lugar, gostaria de recomendar três publicações recentes sobre/com Barthes no Brasil, começando por um livro que já mencionei aqui: *Não escrever com R.B.* (2023), de Paloma Vidal, em que ela intercala relatos autobiográficos, explorações ficcionais e reflexões a partir de Barthes sobre como (não) escrever um romance. A segunda recomendação também é de 2023 a tradução do livro do crítico argentino Alberto Giordano, *Roland Barthes: Literatura e poder*, cujo objetivo é refletir sobre a relação entre literatura e política a partir das propostas de Barthes. Já a terceira recomendação brasileira deve sair ainda este ano: o livro de Laura Brandini, *Imagens de Roland Barthes no Brasil*, em que ela estuda a recepção de Barthes no Jornal *O estado de São Paulo* e em revistas e publicações acadêmicas.

Além dessas recomendações, gostaria – claro – de indicar meus próprios livros sobre Barthes, que são fruto de muitos anos de pesquisa a partir do seu arquivo: *Roland Barthes, a aventura do romance* (2015) e *Apprendre et désapprendre: Les séminaires de Roland Barthes 1962–1977*.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Record, 200.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BRANDINI, Laura. *Imagens de Roland Barthes no Brasil*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2025 (no prelo).
- GIORDANO, Alberto. *Roland Barthes: literatura e poder*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2023.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes: o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PINO, Claudia. *Apprendre et désapprendre: Les séminaires de Roland Barthes 1962–1977*. Louvain-la-Neuve: Academia/Harmattan, 2017.
- PINO, Claudia A. *Roland Barthes, a aventura do romance*. São Paulo: 7Letras, 2015.
- SARLO, Beatriz. *Escritos sobre Roland Barthes*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2011.
- SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- VIDAL, Paloma. *Não escrever com R.B.* São Paulo: Tinta da China, 2023.
- VILA-MATAS, Enrique. *Paris não tem fim*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.